

## CHARLOTTE PUISEUX: TEORIA QUEER E ANTIVALIDISMO<sup>1</sup>

### Charlotte Puisseux: queer theory and antivalidism

#### Renan Gonçalves Rocha

Doutor pela Universidade Paris Nanterre e Professor do Instituto Federal de Goiás (IFG).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2234-7454>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6283456205288829>

#### Resumo

Em *De Chair et de Fer: vivre et lutter dans une société validiste*, a filósofa Charlotte Puisseux não somente traz uma crítica radical ao modelo sociocultural normativo, ancorado em dinâmicas altamente validistas, mas, também busca pensar as tensões com as normas instituídas sobre os corpos e vidas sociais. Em suas reflexões, ela aporta alternativas teórico-filosóficas e militantes para problematizar o validismo e sua imposição capacitista sobre corpos e formas de existências que transgridem uma noção narcísica, euro-falo-centrada, sobre o que é um corpo. Uma das alternativas propostas por Puisseux é o inter cruzamento de teoria *queer* e teorias antivalidistas. Ela afirma que é necessário “*queerizar* a deficiência”. A autora questiona a centralidade imposta por uma perspectiva dual e binária, instituída por noções orientadoras do pensamento e de práticas sociais presentes, tanto no discurso sobre corpos, quanto nos espaços destinados a eles. Assim, uma problematização das tipologias conceituais e sociais do normal e do patológico, do corpo válido e inválido, do mito da capacidade e da incapacidade, são pensados pela autora pela perspectiva *queer*. Para ela, a teoria *queer* constrói seu estatuto teórico justamente a partir da crítica à naturalização e à biologização de normas socio-historicamente organizadas, reinstituídas, reinventadas e que se impõem como modelo organizacional da vida social. Assim, apresenta-se neste artigo a proposta de Charlotte Puisseux de “*queerizar*” o debate sobre as deficiências e a interrelação entre teoria *queer* e teoria antivalidista.

**Palavras-chave:** *Validismo; Deficiência; Normal; Patológico; Queer.*

---

<sup>1</sup> Vidas que importam. Vive-se ainda esse regime. Perto de mim, mesmo longe, sempre perto de mim. Não só importa muito além do significado do que é importante; materialidade desse incondicional impossível; perto de mim, sempre, mesmo longe. Dedico esse texto para Sélím. Menção às suas contribuições e um ponto de partida para se pensar as ações vindouras, para além de ‘nós’ e antes do ‘eu’. Outrem que chega, físsura egos, ipseidades e suas normas.



## Abstract

In *De Chair et de Fer: vivre et lutter dans une société validiste*, the philosopher Charlotte Puiseux brings not only a radical critique of the normative sociocultural model, anchored in highly validist dynamics, but also seeks to think about the tensions with the norms instituted over bodies and social lives. In her reflections she provides theoretical-philosophical and militant alternatives to problematize validism. That is, its capacitating imposition on bodies and forms of existences that transgress a narcissistic, Europhallogocentric notion of what a body is. One of the alternatives proposed by Puiseux is the intersection between queer theory and antivalidist theories. She claims that it is necessary to "*queerize* disability." The author questions the centrality imposed by a dual and binary perspective, instituted by guiding notions of thought and social practices present, both in the discourse about bodies and in the spaces destined for them. Thus, a problematization of the conceptual and social typologies of normal and pathological, of the valid and invalid body, of the myth of ability and disability, are thought by the author from the queer perspective. For her, queer theory builds its theoretical status precisely from the criticism of the naturalization and biologization of socio-historically organized, reinstated, and reinvented norms that impose themselves as an organizational model of social life. In this sense, this article aims at thinking about Charlotte Puiseux's idea of *queerizing* the debate on disabilities and the interrelation between queer theory and antivalidist theory.

**Keywords:** Validism; Disability; Normal; Pathological; Queer.

## Introdução

Nós somos de carne e de ferro,  
de amor e de raiva.  
Estamos vivas e potentes,  
sob as nossas feridas ensanguentadas.  
Nós somos Frida Kahlo.  
Da sua coluna,  
e de pregos que perfuram a sua pele,  
o seu sofrimento ressoa.  
Nós somos feridas e rupturas,  
cicatrizes e dor  
sobre nossos corpos, nos nossos corações;  
a raiva é a nossa única armadura.



E se eu sou de carne,  
daquelas pessoas que têm medo,  
que se tremem, duvidando, perdidas, chorando,  
também sou feita de ferro.  
Forjada para resistir,  
erguida e orgulhosa de lutar.<sup>2</sup>

Charlotte Puisieux

A teoria *queer* desmontou as categorias normalizadoras e biologizantes do gênero. Seus desdobramentos se estenderam para campos de reflexão que ainda não eram visualizados no germe desse movimento teórico nos anos 80. Aqui, claro, essa datação marca apenas um momento teórico que esboça algo mais abrangente e que está além da possibilidade da definição de um marcador temporal, ou uma data que fixa o início de uma história complexa, com múltiplos enredos e temporalidades. Vale ressaltar que nos limitamos estritamente a uma reflexão sobre o movimento teórico *queer* ou isso que foi denominado como teoria *queer*, pois, do ponto de vista político, artístico e sobretudo das experiências vividas em singularidades coletivas, regionais e mesmo individuais, uma história larga, ampla em múltiplos aspectos, foi e ainda continua ser produzida além da capacidade do estabelecimento de termos acadêmicos e conceituais.

Resistências políticas e econômicas no contexto de vidas precarizadas; produções artísticas; vivências nos mundos do trabalho; marginalizações e redes de solidariedades; conceitos políticos; novos arranjos afetivos; uma vasta literatura oral e escrita; produção e criação em moda; maquiagens, performances e suas respectivas transgressões; lutas diárias que são históricas: um dia a dia de lutas que pertence a própria história *queer*.

---

<sup>2</sup> Tradução nossa. “Nous sommes de chair, de fer, D’amour et de colère. Mais bien vivantes, puissantes, Sous nos blessures sanglantes. Nous sommes Frida Kahlo. Du haut de sa colonne, Des clous trouant sa peau, Sa souffrance qui résonne. Nous sommes plaies et cassures, Cicatrices et douleurs, Sur nos corps, dans nos cœurs ; La rage pour seule armure. Et si je suis de chair, De celles qui ont peur, Tremblent, doutent, se perdent, pleurent, Je suis aussi de fer. Forgée pour résister, Droite et fière de lutter.” (Puisieux 2022, 7)



De fato, a teoria *queer* desmontou as categorias normalizadoras e biologizantes do gênero. Sua extensão atinge campos de reflexões que não eram visualizados nos primórdios dessa teoria, para mencionar somente alguns exemplos: teoria *queer* e debates antirracistas, decolonialidade e pós-colonialidade (Leal, 2021); teoria *queer* e as deficiências (Puisseux, 2022).

Essas problemáticas não atravessavam a teoria *queer*, em sua elaboração teórica no final dos anos 1980, e, mesmo que atravessasse, o problema da colonialidade, do racismo pós-colonial, e das pessoas com deficiência, não eram ainda questões que ocupavam espaço central no debate teórico *queer*. Além disso, essas questões não tinham ainda a importância que possuem hoje no debate acadêmico.

Certamente essa não é uma crítica desqualificadora à teoria *queer*. É, precisamente, uma identificação importante do seu contexto teórico, de suas inquietações estratégicas que estão ligadas as urgências que aparecem em cada circunstância histórica e localidades dessa teoria. Num primeiro momento essa estratégia foi a de cindir com os arcabouços filosóficos que ainda se apresentavam como marco teórico transgressor para se pensar o gênero e a sexualidade. Foi necessária a cisão como as re-essencializações de teorias filosóficas ancoradas em Simone de Beauvoir (1949) e, posteriormente em figuras como Bourdieu (1998). Judith Butler começa no prefácio de *Problemas de Gênero* dizendo que:

[...] Li Beauvoir, que explicava que ser mulher nos termos de uma cultura masculinista é ser uma fonte de mistério e de incognoscibilidade para os homens, o que pareceu confirmar-se de algum modo quando li Sartre, para quem todo desejo, problematicamente presumido como heterossexual e masculino, era definido como problema [...]. A dependência radical do sujeito masculino diante do “Outro” feminino expôs repentinamente o caráter ilusório de sua autonomia. Contudo, essa reviravolta dialética do poder não pôde reter minha atenção — embora outras o tenham feito, seguramente. O poder parecia ser mais do que uma permuta entre sujeitos ou uma relação de inversão constante entre um sujeito e um Outro; na verdade, o poder parecia operar na própria produção dessa estrutura binária em que se pensa o conceito de gênero. Perguntei-me então: que configuração de poder constrói o sujeito e o Outro, essa relação binária entre “homens” e “mulheres”, e a estabilidade interna desses termos? Que restrição estaria operando aqui? Seriam esses termos não problemáticos apenas na medida em que se conformam a uma matriz heterossexual de conceituação do gênero e do desejo? O que acontece ao sujeito e à estabilidade das categorias de gênero quando o regime epistemológico da presunção da heterossexualidade é desmascarado, explicitando-se como produtor e reificador dessas categorias ostensivamente ontológicas? [...] (Butler 2018, 8-9)



No que concerne Bourdieu, limito-me a citar as reflexões de Marie-Hélène Bourcier:

Falar do fim da "dominação masculina" é dizer que é possível romper com a descrição reificadora da "dominação masculina" e a sua instrumentalização, de Bourdieu e de certas abordagens feministas. Significa afirmar que estas abordagens estão demasiado dependentes de uma concepção dualista do género que conduz geralmente a um enfraquecimento do poder dos géneros. Que o poder da geneirização sobre os sujeitos e os corpos é descrito como fatal... em detrimento ... das mulheres, é claro. Mas para confrontar Bourdieu e os feminismos renaturalizantes e reificantes com as críticas e conceitualizações do feminismo e da *teoria queer*, começarei por reler *La domination Masculine* e o que o seu autor diz sobre a forma como a hierarquia de género é imposta, a operação da "força simbólica" na "incorporação da dominação masculina", em relação à resposta de Judith Butler à mesma questão.<sup>3</sup> (Bourcier 2023, 1)

No prefácio de *Problemas de Género*, Butler deixa claro o esforço e o teor das páginas que seguem no seu livro. É necessário evidenciar que nessas mesmas páginas o conjunto de questões, tais como a performance e as dinâmicas normalizadoras, aparecem também como um eixo e uma abertura para se pensar o debate da pós-colonialidade, o debate antivalidista e um vasto número de questões ainda inauditas em sua obra.

Vale lembrar que a discussão pós-colonial em Butler aparece, mesmo que em termos ainda embrionários, em *Violence, Nonviolence: Sartre on Fanon*, onde são apresentadas reflexões críticas ao prefácio de Sartre do livro de *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon. Butler crítica não somente a comunidade do “nós” de Sartre, e suas injunções normalizadoras, o “nós”, falo-euro-etno-antropo-centrado, mas, sobretudo, apresenta Fanon no cerne das formulações do pós-humano. Para Butler, trata-se de Fanon como cisão com o humanismo, o universalismo e as categorias estruturais do

---

<sup>3</sup> Tradução nossa. “Parler de fin de ‘la domination masculine’, c’est dire qu’il est possible de rompre avec la description réifiante de ‘la domination masculine’ et son instrumentalisation, celles d’un Bourdieu comme de certaines approches féministes. C’est affirmer que ces démarches sont par trop dépendantes d’une conception dualiste des genres qui mène généralement à un affaiblissement du pouvoir des genres. Que le pouvoir de la gendérisation sur les sujets et les corps y est décrit comme fatal... au détriment ... des femmes bien sûr. Mais pour confronter Bourdieu et les féminismes renaturalisants et réifiants aux critiques et conceptualisations du féminisme et de la théorie queer, je commencerai par relire *La Domination Masculine* et ce que son auteur dit de la manière dont s’impose la hiérarchie des genres, le fonctionnement de « la force symbolique ‘dans’ l’incorporation de la domination masculine », en relation avec la réponse de Judith Butler à la même question.” (Bourcier 2023, 1)



sujeito social e do sujeito da psicanálise, de um tipo normativo, falo-euro-etno-antropocentrado que define o método orientador da interpretação do humano. A colonialidade em Fanon complexifica e problematiza a própria base de produção de significados teóricos, subjetivos e sociais da experiência em vivências pós-coloniais. Outra gramática e outra linguagem, com outras questões, emergem com Fanon. Há em Fanon um movimento sutil, com o qual o autor produz o deslocamento da noção mesma do “nós” sartreano, determinante de uma comunidade normativa.

Nota-se que a aproximação entre teoria *queer* e problemas pós-coloniais é efetiva e tem se desdobrado em diversos sentidos. Uma delas é a invenção colonial dos significados e sentidos da performance do masculino e do feminino. Algumas dessas múltiplas questões pós-coloniais habitam as inquietações teóricas *queer*, elas compõem esse rasgo produzido pela teoria *queer* e contribuem com seus desdobramentos.

É nesse mesmo rasgo do normal que Charlotte Puiseux aproxima teoria *queer* e as discussões antivalidistas. O argumentário dessa aproximação que parece ser mais evidente é a crítica ao binarismo intrínseco à noção de normal, e à classificação das diferenças (Derrida, 1968)<sup>4</sup> corporais como anormais ou patológicas. Contudo, esse problema aparece em bases filosóficas e sociais mais profundas, pois remete ao cenário dos discursos médicos que Michel Foucault (1976) tenta desmontar. O filósofo remete ao modo de funcionamento de um contexto filosófico e médico, que implica o enfrentamento da dicotomia normal/patológico (Foucault, 1972) e para isso uma aproximação crítica a Georges Canguilhem (1966). Ainda nesse momento filosófico, que as palavras “válido” e “inválido” pertencem à naturalidade discursiva e institucional francesa, como elemento que determina uma ontologia do sujeito social.<sup>5</sup> O válido é produtivo, eficaz, apto, normal etc. Inválido, o seu oposto.

---

<sup>4</sup> Tomando aqui a diferença no sentido da desconstrução derridiana da essência de qualquer diferença, e da desidentificação da diferença dela mesma, como impossibilidade de estabelecimento do que ela é, de sua rastreabilidade e categorização. Diferença nesse sentido é deslocamento e alargamento contínuo, possibilidades abertas para outras-outras-outras... diferenças.

<sup>5</sup> Noções ainda presentes do ponto de vista jurídico na França e no Brasil.



Charlotte Puiseux, conduz a discussão para um campo mais abrangente. O problema é que o normal não afeta somente o discurso e a prática médica, e sim todos os campos da vida social e das vivências. Ele não constitui somente um discurso violento com repercussões nas práticas institucionais produtoras do validismo. Ele é intrínseco aos regimes de constituição subjetivas, ou seja, as noções de beleza; de sexualidade e sexo; de amor; de desejo e objeto; de saúde; de sofrimento; de vida; olhares, valores, conceitos e perspectivas atributivas para quem e ao que se olha; a fala e a semântica igualmente são atravessadas pelo validismo. São, ao mesmo tempo, como indica Puiseux, campos abertos para lutas antivalidistas. Mas, notemos, não se trata apenas de um discurso. Para Puiseux, “o normativo” é, também, espacial, socioambiental, político, institucional, histórico, cultural, cotidiano, afetivo, linguístico. Está dentro de um campo de relações íntimas da reprodução da vida, da existência e dos afetos e, nesse sentido, há um enorme espaço de lutas a serem travadas.

### **A força das normas**

A normatividade em Puiseux não pode ser dissociada da experiência de vida. Esse chamado para reflexão das múltiplas experiências vividas cotidianamente introduz um debate impactado não somente pelos circuitos discursivos da normalidade, mas insere a noção de validismo como centro do pensamento das normas. Ou seja, não se trata mais de pensar ‘a norma’, ou ‘o normal’, como dispositivos classificatórios ou segmentadores contendo sentido e efeitos genéricos. Nem muito menos conceituar ‘a norma’ como elemento que condiciona e impõe um modelo normalizador para a vida, dissociando-a do seu conteúdo singular. As vivências são normatizadas nas suas especificidades. Em Puiseux, ‘a norma’ é validista, e essa acepção aparece quando ela produz seus elementos classificatórios, segregadores, e modelamentos destinados a singularidades das vivências. Esse é o teor validista das normas. Assim, se as experiências de vida no cotidiano prático e subjetivo, se dão efetivamente, no instante, no efêmero, de cada vivência singular, e, também, nas vivências históricas, que são marcadas pela precisão e força da



normatividade validista; está aí igualmente o campo decisivo para constituição de um pensamento e de práticas dissidentes com as normas.

O recurso ao *bio-gráfico* é absolutamente necessário como estratégia de identificação dos conceitos para uma perspectiva antivalidista, pois o validismo não se afirmar como uma noção genérica, mesmo sendo histórico, ele é absolutamente singular. Notar; notar uma calçada; saltar; saltar um buraco na rua; abrir; abrir uma torneira, sentar-se; sentar-se na cadeira da escola; qual cadeira? Tudo isso é, antes e imediatamente, atravessado por um conjunto múltiplo de perspectivas normativas que só aparecem em singularidades da própria vivência normatizada, validista e segregadora. O que é um degrau? O que é uma porta? O que é ir ao banheiro? Os elementos constitutivos de cada um desses objetos, e das experiências relacionais com eles, são abarcados por uma força normativa e construtora de sociabilidades apartadas.

Normatividade que constitui as experiências relacionais com cada uma dessas coisas. Nesse caso, não são mais apenas coisas ou práticas (simples?) da vida cotidiana. Trata-se de potências afirmadoras de uma regra corporal, social, psíquica, afetiva, experimental que se impõem pela força, como história, história das normas e as normas como história, como força jurídica e política constitutiva dos mais íntimos aspectos da questão *o que é uma vivência?*<sup>6</sup> O paradoxo do olhar *bio-gráfico* para a normatividade é que a normatividade é validista e singularmente validista.

## Validismo

Para Puiseux, não se trata de dar um conceito ao validismo. Para ela um conceito seria sempre precário, pois deixa de fora um conjunto vasto de singularidades. Se sabe o que é validismo quando se impõe às deficiências como paradigma definido a partir da noção de ‘normal’. É possível, entretanto, perceber a performance do validismo e, para

---

<sup>6</sup> Butler se questiona sobre que é uma vida? Puiseux diz que uma vida, constituída no esquema de dominação validista é antes uma vivência bio-psico-político-gráfica, sangrando, com feridas e fraturas abertas, com resistências e buscas incessantes para desmontar o esquema de poder e dominação.





isso, a *bio-grafia* se faz necessária como forma de percepção da performance do validismo. Assim em *De Chair et de Fer*, Puiseux traz a noção de validismo pelos seus efeitos e seu dinamismo performático e, não pela definição estrita de um conceito:

Hoje, quero escrever sobre o que vivi, mas ligando a minha experiência a uma história coletiva. Quero escrever sobre a deficiência, mas rejeitando os eternos estereótipos que saturam as discussões sobre este assunto. Não quero de forma alguma apresentar-me como a heroína de uma história de resiliência e auto-transcendência nascida de uma imaginação validista. E não quero contribuir para o discurso dominante que transforma a deficiência numa tragédia pessoal. Escrevo sobre o sistema de opressão que afeta todas as pessoas com deficiência, quer tenham uma deficiência física, psicológica, sensorial, cognitiva ou mental. Escrevo sobre o fato de não corresponder às normas médicas e sociais que estabelecem os termos de validade, sobre a sua produção como uma decisão política que emana de relações de dominação. Quem decidiu que andar, ver, ouvir, usar a linguagem falada, perceber a realidade de uma determinada forma... eram condições para que uma vida fosse considerada digna de ser vivida? E por que razões? Escrevo sobre a ideologia que dita que as pessoas classificadas como "deficientes" têm menos valor que os outros e são consideradas naturalmente inferiores. Escrevo sobre a extensão desta ideologia, que é implantada em todas as esferas da sociedade, por vezes com extrema violência, muitas vezes de forma insidiosa, através dos mais ínfimos gestos e atitudes das pessoas sem deficiência, pormenores que se impregnam em nós, pessoas com deficiência, e que interiorizamos. Escrevo sobre a discriminação de que somos alvo. Escrevo sobre o validismo.<sup>7</sup> (Puiseux 2022, 10-11)

É importante dizer que o relato *bio-gráfico*, nos leva a refletir que o termo “bio”, dessa *bio-grafia*, não é somente a “bio” que se refere à noção de “vida” dentro de uma

---

<sup>7</sup>Tradução nossa. “Aujourd’hui, je veux écrire sur ce que j’ai vécu, mais en rattachant mon expérience à une histoire collective. Je veux écrire sur le handicap, mais en rejetant les éternels poncifs qui saturent les discussions autour de ce sujet. Je ne veux absolument pas me présenter comme l’héroïne d’une histoire de résilience et de dépassement de soi issue d’un imaginaire validiste. Et je ne veux pas contribuer aux discours ambiants qui font du handicap une tragédie personnelle. J’écris sur le système d’oppression qui touche l’ensemble des personnes handicapées, qu’elles aient un handicap physique, psychique, sensoriel, cognitif, mental. J’écris sur le fait de ne pas correspondre aux normes médicales et sociales établissant les termes de la validité, sur sa production en tant que décision politique et émanant de rapports de domination. Qui a décidé que marcher, voir, entendre, utiliser le langage oral, percevoir la réalité d’une certaine façon... étaient des conditions pour qu’une vie soit jugée digne d’être vécue ? Et pour quelles raisons ? J’écris sur l’idéologie qui dicte que ces êtres humains classés dans la catégorie ‘handicapé’ ont moins de valeur que les autres et sont considérés comme naturellement inférieurs. J’écris sur l’étendue de cette idéologie qui se déploie dans toutes les sphères de la société, parfois avec une extrême violence, souvent de manière insidieuse à travers les plus infimes gestes et attitudes des personnes valides, des détails qui s’incrustent en nous, personnes handicapées, et que nous intériorisons. J’écris sur les discriminations que nous subissons. J’écris sur le validisme.” (Puiseux 2022, 10-11)



perspectiva universal. A performatividade do validismo produzida desde os “ínfimos gestos” das pessoas “sem deficiência” e as normas que estabelecem a “validade” como regime político, implicam todos os processos sociais e aspectos das vivências cotidianas. Isso transforma a *bio-grafia* numa bio-psico-político-grafia, onde “viver” e “lutar” contra um regime validista, constitui parte da noção de “bio”, como vivências sociopolíticas e anti-normativas dessa *bio-grafia*. Política como luta, isto é, resistência permanente desde os microgestos, dissidências linguísticas e corporais nas formas de ocupação de espaços. Rupturas com as dicotomias produzidas pelo “normal”, crítica radical à reprodução político-espacial normativa dos lugares, combate permanente aos gestos validistas de pessoas sem deficiências e construção de outra política dos afetos e desejos que estejam associadas à desconstrução dos circuitos e práticas sexuais e afetivas validistas. Por conseguinte, crítica e problematização da sexualidade como regime de poder validista. Outras sexualidades como cisão à normatividade falo-euro-centrada implicam necessariamente uma perspectiva antivalidista para as sexualidades e afetos, e, não somente, para as políticas públicas.

Como encontrar o seu lugar numa sociedade concebida por e para pessoas sem deficiência quando se tem uma deficiência? Como se vai à escola? Como trabalhar? Ou não trabalhar? Como viajar? Como se deslocar? Como desenvolver relações sociais? Ter uma vida sexual? Ter filhos? Mas, sobretudo, como sobreviver psicologicamente à degradação, à invisibilidade, ao ódio? Como amar a si próprio quando se vive num mundo hostil onde a sua imagem, a sua presença e a sua existência simbolizam o nojo, a rejeição e o medo? A fobia às deficiências é um dos sinais mais visíveis do sistema global conhecido como validismo. Perante o medo que as pessoas com deficiência suscitam, com a impressão de que são estranhos monstruosos, que são a decadência humana, a morte viva, o instinto de sobrevivência validista dita que se afaste de nós, que se protejam, que nos rejeitem fora das fronteiras onde está a vida boa. Então, como é que se vive nesta sociedade quando se é deficiente? Escrever sobre validismo é ajudar a derrubar as normas deste sistema, afirmar o valor das nossas vidas, a beleza dos nossos corpos deformados e a força das nossas mentes débeis. Trata-se de transformar o estigma numa fonte de orgulho, derramando tinta em vez de sangue.<sup>8</sup> (Puisseux 2022, 11-12)

---

<sup>8</sup> Tradução nossa. “Comment trouver sa place dans une société pensée par et pour les valides quand on est en situation de handicap? Comment aller à l’école? Travailler? Ou ne pas travailler? Voyager? Se déplacer? Comment développer des relations sociales? Avoir une vie sexuelle? Faire des enfants? Mais surtout comment survivre psychiquement au dénigrement, à l’invisibilisation, à la haine? Comment s’aimer soi-même lorsque l’on évolue dans un univers hostile où sa propre image, sa présence, son existence



O desmonte das normatividades sem o desmonte do validismo significa a continuidade dos imperativos normalizadores, mesmo onde se diz que a normatividade foi suprimida. Nesse sentido, para Puiseux, a teoria *queer* como teoria que visa desmontar “o normal” e sua força normatizadora é, ou deve ser, antivalidista. A teoria *queer*, o que ela busca ser, sem se fechar, ou, quando busca e pretende se tornar um combate às violências normativas, seus propósitos são também antivalidistas, ou deve ser, para que seja *queer*. O tornar-se *queer* dessa teoria é tornar-se antivalidista.

### O mito da capacidade e corpos binários

O regime de corpos binários organizado pelas noções de válido/inválido é construído por processos sociais, históricos e culturais que organizam práticas que afirmam e instituem o que é a identidade de um corpo. Isso atribui ao corpo um esquema regulador de capacidades que produz sua identidade, não somente do ponto de vista dos imaginários e percepções sociais do que é um corpo, mas também sua identidade jurídico-política. Compreender essa determinação jurídico-política dos corpos conduz à complexidade da questão, pois a desconstrução do validismo não é, nem pode ser, apenas e tão somente uma afirmação inclusiva do diferente e o desmonte de uma subjetividade normativa. Isso não é suficiente, no projeto teórico-político de Puiseux.

Esse processo desconstrutor da metafísica identitária, construída como corpo binário, como mito da capacidade, inclui identificar que o conjunto de dispositivos, mecanismos e instituições organizadas jurídico-politicamente também afirma a identidade binária dos corpos e a relança no mundo social, no mundo hierárquico do

---

symbolisent le dégoût, le rejet, la peur ? Car l’handiphobie constitue bien l’une des traces les plus visibles de ce système global qu’est le validisme. Face à cette peur suscitée par les personnes handicapées, cette impression qu’elles sont l’étrangeté monstrueuse, la déchéance humaine, la mort vivante, l’instinct de survie validiste dicte alors de s’éloigner de nous, de se protéger, de nous rejeter hors des frontières où il fait bon vivre. Dès lors, comment vivre dans cette société lorsqu’on est handicapée ? Écrire sur le validisme, c’est contribuer à renverser les normes de ce système, à affirmer la valeur de nos vies, la beauté de nos corps déformés et la force de nos faibles esprits. C’est renverser les stigmates pour en faire des sources de fierté, c’est faire couler de l’encre au lieu de notre sang.” (Puiseux 2022, 11-12)



trabalho e dos afetos. São sistemas inteiros da organização institucional e estatal, a lógica e a forma do direito, da compreensão do mundo político até o modo como se organizam as relações econômicas, que reafirmam essa identidade do corpo binário válido/inválido.

A amplitude do mito do corpo válido que organiza os mais profundos tecidos da vida social, não só está em toda parte, como um ato preconceituoso emanado por uma e outra pessoa. Não constitui somente as formas arquiteturais dos lugares, nem está restrito a uma situação ou outra do cotidiano. O mito do corpo válido é constitutivo do modelo societal organizador das relações socialmente válidas. Portanto, o antivalidismo não se constitui exclusivamente por uma nova percepção de corpos e suas singularidades, mas também, por meio de embates com os pilares que instituem os sentidos e os significados de uma determinada cultura.<sup>9</sup>

### Discurso médico e validismo

A identidade de um corpo, nesse esquema válido/inválido, é o corpo “capaz de...” Trata-se do mito das capacidades determinadas à uma noção de corpo, e, ao que se espera do corpo. Vejamos que a construção de um sentido absoluto e universal do corpo é estabelecida como a própria identidade do corpo.

Puiseux nos alerta que esse modelo identitário de corpo, construído como tipo universal por meio das capacidades, é fortemente marcado pelo discurso médico que atribui a validade pela designação de capacidades específicas. Isto é, determina-se socialmente um certo número de capacidades, como elemento de valorização e hierarquização social. Certas capacidades associadas com a validade são tidas como superiores. “Por conseguinte, os indivíduos são classificados de acordo com uma grade interpretativa que utiliza um código binário no qual os corpos válidos não podem ter deficiências e vice-versa.”<sup>10</sup> (Puiseux 2022, 91)

---

<sup>9</sup> Aqui faço menção às reflexões desenvolvidas no curso *Cultura Capacitista* ministrado pela psicóloga Iane Telecio em Julho de 2022.

<sup>10</sup> Tradução nossa. “Les individus sont donc hiérarchisés selon une grille de lecture qui utilise un code binaire où les corps valides ne peuvent pas être handicapés, et vice versa.” (Puiseux 2022, 91)



O discurso médico toma proporções sociopolíticas. As montagens dicotômicas da medicina não se reduzem ao laboratório nem à clínica, ao contrário, essas montagens dicotômicas da medicina tornam-se também o modelo interpretativo e organizador de hierarquias sociais. A medicina, nesse sentido, é também produtora da noção de capacidade e, conseqüentemente, organiza os paradigmas da dominação sobre os corpos. É importante observar que, por exemplo, os nanismos foram lidos, em certo período do discurso médico, como um “problema racial” a ser tratado com medidas preventivas, inclusive com encarceramento desses corpos. Isso não significou somente uma leitura clínica, médica, isolada e restrita ao debate médico, mas uma orientação sociopolítica, um lugar de emanção e fundamentação de práticas da gestão pública e dos regimes jurídicos sobre o tema, que levaram ao pensamento e ações de eliminação de corpos dissidentes. Esse é o significado das produções médicas para além da clínica, com suas conseqüências sociopolíticas.

Para Puiseux, pensar corporalidades para além do binarismo, implica em novas possibilidades interpretativas do sentido e significado de deficiências e validade, onde “em vez de pensarmos na deficiência e na validade como duas linhas estritamente paralelas que nunca se podem encontrar, pensássemos nelas como os dois polos de um *continuum* no qual são possíveis múltiplas posições idênticas?”<sup>11</sup> (Puiseux 2022, 92)

Puiseux propõe uma leitura para a noção de *continuum* como possibilidade de desidentificação dos corpos, instituído por um regime identitário, produzido pela imposição do mito capacitista do corpo válido. Visa-se então desconstruir uma identidade para o corpo e as noções atribuídas pelo esquema dicotômico e polar entre capaz e incapaz. Nesse sentido, o *continuum* para Puiseux (2022), permite pensar o corpo por meio de um deslocamento permanente onde esvai-se uma noção identitária para o corpo.

Validade e deficiências se encontram. As linhas paralelas como forma de pensamento do corpo perdem sua força interpretativa. Uma identidade sem identificação

---

<sup>11</sup> Tradução nossa. “Si, au lieu de penser le handicap et la validité comme deux droites strictement parallèles qui ne pourront jamais se rencontrer, on les pensait comme les deux pôles d’un continuum sur lequel de multiples positions identificatoires sont possibles ?” (Puiseux 2022, 92)



fixa, uma identidade na diferença, ou a cisão com os sentidos atribuídos histórico e socialmente ao corpo. Os corpos encontram-se em posições distintas e em confrontos com sua identidade atribuída. Eles reaparecem como possibilidades diversas em cada posição, numa transmutação permanente dessas posições.

Assim, poderíamos ser um pouco capazes e um pouco deficientes ao mesmo tempo, ou muito deficientes, mas um pouco capazes, ou mesmo aparentemente capazes, mas de fato muito deficientes... Tantas combinações que quebram a visão binária do par deficiência/validade e oferecem um novo paradigma para localizar situações muito reais que foram apagadas da interpretação validista das capacidades.<sup>12</sup> (Puiseux 2022, 92)

Para Puiseux, a noção de *continuum* traduz o deslocamento das noções práticas de validade e deficiência, isto é, dessentificando os discursos sobre o corpo construído pelas noções binárias do normal/patológico, válido/inválido, capaz/incapaz, deficiente/sem-deficiência.

### **Teoria queer e antivalidista**

*Queer* como teoria produtora de um conjunto vasto de possibilidades de pensamentos, radicaliza esse novo circuito interpretativo e prático das deficiências. *Queer* entra no circuito de pensamento e práticas para o desmonte das antinomias entre identidades. Fissura o imaginário de que identidades válidas e deficientes não possam coexistir na mesma pessoa.

A discrepância entre a realidade da situação de um indivíduo e a percepção dos outros torna impossível imaginar que um indivíduo possa ser ao mesmo tempo válido e deficiente, como no caso das deficiências invisíveis. Refletir sobre a multiplicidade de deficiências e as suas interligações ajuda-nos a compreender

---

<sup>12</sup> Tradução nossa. “On pourrait donc être un peu valide et un peu handicapée en même temps, ou très handicapée mais un peu valide quand même, ou encore apparemment valide mais en fait très handi-capée... Autant de combinaisons qui font éclater la vision binaire du couple handicap/validité, et proposent un nouveau paradigme permettant de localiser des situations bien réelles qui ont été effacées de la grille de lecture validiste des capacités.” (Puiseux 2022, 912)



o *continuum* que as une, ao mesmo tempo que as diferenciam.<sup>13</sup> (Puisseux 2022, 92)

Para Puisseux, a desidentificação como noção da teoria *queer* problematiza a lógica da identidade e suas antinomias. Sobretudo quando se parte das definições de validade e deficiências, capacidade e incapacidade, normal e patológico no sentido médico normativo e se estabelece uma escala entre validade e invalidez total designada como “estado vegetativo”. A perspectiva a ser pensada é que entre esses dois pólos há tantas possibilidades quanto há pessoas. Ou seja, nessa escala do validismo, se esquece que a experiência é sempre diferente, e, constituída pelas diferenças performáticas das vivências.

Puisseux insiste que a performance sempre diferente é concernente a cada obstáculo, seja ele social ou não, a diferença está em cada situação. É nesse aspecto que esses dois polos normativos não são realidades paralelas completamente dissociadas. Organizar os discursos e práticas da validade e da deficiência como realidades estruturadas em campos opostos leva inevitavelmente a uma classificação hierarquizada dos indivíduos. A antinomia entre polos pensados como realidades hierárquicas significa, ao mesmo tempo, não levar em conta as diversas experiências singulares como possibilidades de vida. Esse tipo de classificação diz Puisseux:

exclui das suas fileiras muitas pessoas com deficiência que não experimentam estas definições na sua própria vida. E se lhe for associado um sistema de valores, as pessoas que se encontram no fundo desta classificação são mais ou menos estritamente excluídas da humanidade, uma vez que as suas vidas não são consideradas verdadeiramente dignas de serem vividas. Nesta perspectiva, tanto a deficiência como a validade devem corresponder às expectativas sociais mutuamente exclusivas. Estas identidades dão assim origem a todo um jogo performativo que, se for descoberto, facilita a compreensão de que não são naturais, mas construídas.<sup>14</sup> (Puisseux 2022, 93)

---

<sup>13</sup> Tradução nossa. “Le décalage entre la réalité d’une situation individuelle et la perception des autres empêche de concevoir qu’un individu puisse être à la fois valide et handicapé, comme dans le cas des handicaps invisibles. Réfléchir à la multiplicité des handicaps et à leur articulation permet de comprendre ce continuum qui les relie les uns aux autres tout en les différenciant.”(Puisseux 2022, 92)

<sup>14</sup> Tradução nossa. “[...] exclut de ses rangs nombre de personnes handicapées qui n’éprouvent pas ces définitions dans leur propre vécu. Et si un système de valeurs lui est en plus associé, les personnes qui se trouvent en bas de ce classement se voient plus ou moins strictement exclues de l’humanité, leur vie n’étant pas considérée comme véritablement digne d’être vécue. Dans cette perspective, le handicap comme la



A teoria *queer* quando pensa a performatividade traz um elemento decisivo nesse processo de desidentificação e cisão com a polaridade interpretativa das deficiências. O mito do normal se desfaz e a experiência singular como possibilidade de revisitar as construções sociais classificadoras do válido/inválido, desidentifica a norma instituída e abre um campo de problematização das construções normativas. O normal, o válido, o capaz, são assim lançados para fora dos seus limites sociais e históricos, para fora de suas margens e sentidos conceituais e desidentificados de suas essências inventadas. Campo aberto para novas possibilidades de interação com ‘as normas’. A identificação da inventividade, significa igualmente abertura para novas possibilidades de performances e reinvenção de experiências. E, vale dizer, isso não significa que as ações inventivas sejam algo simples, fácil, ou apenas determinada por um esforço individual. Puiseux, realmente traz o elemento *bio-gráfico*, como decisivo em suas reflexões. Isso tem vários motivos. O principal deles é o caráter *bio-gráfico* da luta antivalidista, *bio-grafia* como noção constitutiva dos significados e sentidos das experiências criativas do viver.

Por onde começar, para onde ir?

Um livro para abrir,  
para libertar as palavras  
e curar todos os males.

No meu coração, um terremoto,  
o do validismo,  
a sua onda que se abate,  
rajadas incessantes.

Balas que perfuram minha pele,  
cicatrices de batalha,  
tiros cujos ecos  
ressoam nas minhas entranhas.

A minha carne procura a paz,  
Mas sinto que o meu sangue  
ferve sob a minha pele.

---

validité doivent correspondre à des attentes sociales qui s'excluent mutuellement. Ces identités entraînent donc tout un jeu performatif qui, s'il est mis au jour, permet de mieux comprendre qu'elles ne sont pas naturelles mais bien construites.” (Puiseux 2022, 93)





Pode ficar preocupado,  
eu espero a chegada do tempo  
das nossas batalhas que germinam.<sup>15</sup>

## Conclusão

Esse artigo buscou apresentar alguns elementos das reflexões de Charlotte Puiseux. A autora expõe, tanto o campo de possibilidades teóricas para discussões contemporâneas; alargando a teoria *queer* para horizontes e fronteiras que são decisivas para os desdobramentos dessa teoria; quanto traz uma vasta reflexão sobre os parâmetros práticos, legais, sociais que mostram de qual maneira o pensamento *queer* sobre as deficiências, são decisivos para destituir um ordenamento social e práticas de uma cultura segregadora.

Não se trata somente de um debate de nuances teóricas desconectadas das lutas por direitos e processos de transformações sociais. *Queer* é reivindicado por Puiseux como noção decisiva para se pensar políticas públicas e os significados mais radicais da acessibilidade. Assim *queerizar as deficiências*, implica tanto a complexificação teórica do debate sobre as dicotomias e binarismos produzidos por uma sociedade validista, quanto um campo vasto de pensamentos práticos e instrumentalização de performances que modificam o modelo societal, com soluções possíveis germinadas por lutas históricas.

Por fim, esse artigo parte também do desejo de instigar e convidar a leitura da obra *De Chair et de Fer: vivre et lutter dans une société validiste*, de Charlotte Puiseux. Trata-se, portanto, de um artigo performático, uma decisão do que se faz e do que se visa provocar num ato. Essa escrita é intencional. Nesse caso, um texto que performa para abrir espaço para outro. Um outro potente, com performances viscerais. Um texto que nos

---

<sup>15</sup> Tradução nossa. “D’où partir, où aller? Un livre pour se livrer, Pour délivrer les mots Et soigner tous les maux. Dans mon cœur un séisme, Celui du validisme, De sa vague déferlante, Des rafales incessantes. Des balles qui trouent ma peau, Cicatrices en bataille, Des tirs dont les échos Résonnent dans mes entrailles. Ma chair cherche la paix, Mais je sens que mon sang Bout sous mon épiderme. Vous pouvez être inquiets, J’entends venir le temps De nos combats qui germent.” (Puiseux 2022, 13)



desmonta. Ele produz um circuito que desloca pensamentos, imaginários e práticas. Um livro poético e militante que se espera traduzido no Brasil.

### Referências Bibliográficas

- Beauvoir, Simone. 1949. *Le deuxième sexe*. 395. Paris; Gallimard; 93e.
- Bordieu, Pierre. 1998. *La domination masculine*. 142. Paris : Editions Seuil. 1 vol.
- Bourcier, Marie-Hélène. 2023. *La fin de la domination (masculine). Pouvoir des genres, féminismes et post-féminisme queer*, Multitudes, 2003/2 (no 12) : 69-80. DOI: 10.3917/mult.012.0069. <https://www.cairn.info/revue-multitudes-2003-2-page-69.htm>
- Butler, Judith. 2019. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Traduzido por Lieber, Andreas. 189. Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, Judith. 2018. *Problemas de gênero*. Editora Civilização Brasileira.
- Butler, Judith. 2015. "Violence, Nonviolence: Sartre on Fanon". *Senses of the Subject*. Fordham University Press: 171-198. <https://doi.org/10.1515/9780823264698-009>
- Canguilhem, Georges. 1966. *Le normal et le pathologique*. Editora : Presses Universitaires de France - PUF.
- Derrida, Jacques. 1968. *La Différance*. Éditions Ismael. Consulté le 31 octobre 2019. Disponível em: <https://editions-ismael.com/fr/2016/05/27/1968-jacquesderrida-la-differance-2/>
- Fanon, Frantz. 2018. *Pele negra, máscaras brancas*. Traduzido por Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA.
- Foucault, Michel. 1976. *Histoire de la sexualité*. 1, La volonté de savoir. 211. France. Paris: Gallimard.
- Foucault, Michel. 1972. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Edition Gallimard.
- Leal, Abigail Campos. 2021. *Ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero*. São Paulo: Glac edições.
- Puiseux, Charlotte. 2022. *De Chair et de Fer: vivre et lutter dans une société validiste*. Paris : Éditions La Découverte.



Poncet ; Leriche. 1903. *Nains d'aujourd'hui et Nains d'autrefois ; Nanisme ancestral ; Achondroplasia ethnique*. 178-184. Publications de la Société Linnéenne de Lyon Année.

